

Entrevista à Vida Económica, por João Luís de Sousa

2016.08.03

Vida Económica: Qual é o orçamento atual da Universidade do Porto e o número de pessoas que envolve?

Sebastião Feyo de Azevedo: A Universidade do Porto tem um perímetro específico e um perímetro consolidado. O perímetro específico inclui a Universidade com as suas faculdades, assim como as unidades de investigação que estão dentro das faculdades. No chamado perímetro alargado incluem-se também os institutos de interface, como o INESC, o INEGI, o IPATIMUP, o INEB, o IBMC, o CIIMAR, o ICETA, o CIBIO, o REQUIMTE e outros institutos de grande dimensão que são instituições privadas sem fins lucrativos. O orçamento anual da U.Porto, no âmbito do perímetro específico, é cerca de 220 milhões de euros. O contributo do orçamento de Estado é na ordem dos 113 milhões, o que corresponde a cerca de 50% do total. No âmbito do perímetro consolidado falamos de um orçamento de cerca de 270 milhões de euros. Em termos de pessoas, a Universidade do Porto serve cerca de 31 mil alunos, tem 2200 docentes e investigadores com contrato, alguns deles em regime de tempo parcial, e cerca de 1500 funcionários não docentes.

Acresce que somos uma instituição com uma grande dimensão económica. O UPTEC – Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto acolhe mais de 200 empresas que representam um contributo anual para o PIB superior a 60 milhões de euros.

Posso ainda salientar que a Universidade tem uma relação muito próxima com os hospitais, especialmente com o Hospital de S. João através da Faculdade de Medicina e com o Hospital de Santo António através do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. De notar que os dois hospitais estão fora do perímetro orçamental da U.Porto.

VE: Há uma componente significativa de receitas próprias?

S.F.A.: Como referi, cerca de metade das nossas receitas são próprias. Se incluirmos os institutos de interface estamos bem acima disso. Aproveito, aliás, para esclarecer que a percentagem de receitas próprias se tem mantido estável.

VE: Com os valores atuais a Universidade é um grande criador de emprego?

S.F.A.: Somos tanto criadores indiretos de emprego, como empregadores diretos. Desde logo porque prosseguimos uma política muito ativa de apoio à criação de spin-offs, contando para isso com o trabalho desenvolvido pelo *Gabinete U.Porto Inovação*, pela UPTEC e pela NET. Somente as empresas instaladas no UPTEC são presentemente responsáveis pelo emprego altamente qualificado

de mais de 1800 pessoas. Temos ainda a participação maioritária na NET, um *Business Innovation Center* que acolhe e apoia start-ups também geradoras de emprego qualificado. Por outro lado, diretamente trabalham na U.Porto mais de 3700 pessoas entre docentes, investigadores e funcionários não docentes. Acrescem muitas centenas de bolseiros e investigadores que trabalham nas faculdades e nos institutos de interface autónomos já citados.

VE: Quais são os projetos e investimentos em curso?

S.F.A.: Temos uma vasta carteira de projetos a decorrer. A U.Porto abarca todas as áreas do conhecimento, embora haja algumas que têm maior expressão, como a engenharia, a saúde e a biologia. Os investimentos em projetos são transversais, com alguma ênfase na parte da manufatura, da saúde e empresarial. Estamos agora com projetos novos nas áreas das ciências agrárias e do envelhecimento, que são temas e atividades com grandes perspetivas de futuro.

Uma vertente estratégica fundamental para o desenvolvimento reside na cooperação com a UTAD e com a Universidade do Minho no âmbito do consórcio UNorte.pt. Temos projetos preparados em seis áreas de grande relevância económica para o País e para a Região – na manufatura; na saúde; na mobilidade; na economia do mar; nas agrárias; no envelhecimento ativo.

VE: Nesses projetos pode haver mais participação das empresas da região?

S.F.A.: Estamos altamente empenhados em desenvolver trabalhos colaborativos com empresas e com o tecido social. Temos centenas de parcerias, muito bem sucedidas, com empresas, com associações empresariais, com municípios e com a administração, cobrindo todas as áreas do conhecimento. Como exemplo simbólico, refiro que o atual logotipo da cidade do Porto, que tem sido altamente premiado, é obra de um professor da Universidade do Porto.

VE: Qual será o perfil ideal da empresa para participar nos projetos colaborativos com a Universidade?

S.F.A.: Deve ser uma empresa que tenha visão de desenvolvimento, que encare o conhecimento como fonte de vantagens competitivas e que tenha uma estrutura interna que lhe permita participar de forma ativa.

VE: As universidades portuguesas têm uma maior presença e conseguem captar mais incentivos que as empresas nos programas europeus de apoio à inovação e investigação. As empresas podem beneficiar com a experiência das universidades nos programas europeus?

S.F.A.: Para concorrer a programas europeus é preciso ter uma estrutura. Se as empresas tiverem visão de futuro e prática de inovar – e cada vez mais as empresas têm – elas próprias irão criar as suas estruturas internas de interface com as universidades, conseguindo assim ter mais sucesso nos

programas internacionais. Em Portugal a competitividade de muitas empresas ainda é prejudicada por uma cultura que demora a mudar. Isto para além de passarem por grandes constrangimentos de índole financeira que lhes limitam os investimentos em estruturas de I&D+i.

É preciso percebermos que as empresas que não tiverem esta capacidade de inovação em cooperação com as universidades serão tendencialmente menos competitivas. A Europa cresceu de uma forma tremenda nas últimas décadas. Portugal cresceu, mas a um ritmo mais suave. Por isso é fundamental olharmos para os mecanismos que melhorem a nossa competitividade. Como? Com modelos de governação mais eficazes e ágeis, com menos permissividade social, com mais organização racional. Estas são condições necessárias para adquirirmos maior capacidade competitiva.

VE: Apesar de se dizer que já existem licenciados a mais continuamos a ter falta de jovens com formação superior, conforme revelam os dados comparativos entre Portugal e a média europeia?

S.F.A.: É verdade que recebemos do regime anterior ao 25 de Abril uma herança terrível que foi o baixo nível de educação do povo. Tivemos já tempo, realmente progredimos imenso e temos reconhecidamente um bom sistema do ensino superior. Qualquer português com um curso das nossas universidades vai para fora e é, em geral, um ótimo profissional. Mas, é bem claro que continuamos a ter falta de licenciados, ou melhor, de jovens com formação superior. Não escondamos, no entanto, as nossas dificuldades atrás dessa razão. E ainda, sendo certo que a Europa enfrenta problemas graves, também não escondamos os nossos problemas atrás dos problemas europeus. Olhemos para a nossa organização e estrutura empresarial – quantos dos nossos doutorados estão nas empresas? Apenas cerca de 3%, o que é manifestamente pouco quando comparado com uma média europeia superior a 20%.

VE: Que fatores tornam a Universidade do Porto atrativa e estão na base no crescimento constante de alunos estrangeiros?

S.F.A.: Temos mais de 3600 alunos estrangeiros, número que, aliás, está em crescimento. Há várias razões para que isso aconteça. Desde logo pela qualidade da U.Porto, mas também pelo encanto da cidade e da região. A cidade tem muita vida, é barata, é segura. A Universidade tem um bom posicionamento nos rankings internacionais e possui um Serviço de Relações Internacionais excelente. E com o passar do tempo, os próprios estudantes estrangeiros tornaram-se os nossos melhores embaixadores. A U.Porto está neste momento no topo europeu de participação e de coordenação em redes de intercâmbio. No último ciclo ERASMUS tivemos estudantes provenientes de 142 países e de 790 instituições. Estivemos envolvidos em 48 redes de cooperação no domínio da mobilidade internacional com orçamento global de cerca de 150 milhões de euros, tendo gerido de

forma direta 35 milhões. Somos a terceira universidade europeia em número de coordenação de projetos.

VE: Face ao elevado número de alunos estrangeiros e ao impacto económico direto estamos perante uma nova atividade de exportação de conhecimento?

S.F.A.: Posso dizer claramente que sim. Desde logo através dos estudantes que chegam, estudam na U.Porto e regressam aos seus países com mais competências. Depois, através dos doutorandos que desenvolvem cá o seu trabalho de investigação e produzem conhecimento. E, finalmente, através das empresas que, sendo criadas no âmbito do ecossistema de inovação e empreendedorismo da Universidade e nas quais investigadores estrangeiros colaboram, estão fortemente orientadas para os mercados externos. Tudo isto decorre, obviamente, do reconhecimento internacional da nossa qualidade, tanto em termos de ensino como de investigação. Acresce que no mundo global de hoje, a exportação do conhecimento é um objetivo importante, sob todos os aspetos, incluindo o da projeção e afirmação de Portugal.

Dito isto, há que reconhecer que no âmbito dos estudantes estrangeiros de grau ainda temos espaço de progressão. Nesse sentido, estamos a trabalhar em várias vertentes para alargar a nossa atratividade, nomeadamente através de uma maior oferta de formação em Inglês, do fortalecimento da ligação aos países de língua oficial Portuguesa e do desenvolvimento da formação a distância.

VE: Existe uma aposta crescente da Universidade no empreendedorismo?

S.F.A.: A Universidade do Porto tem nesse domínio duas estruturas muito importantes, sendo uma interior à universidade e outra exterior. A interior à universidade é constituída pelo já citado *Gabinete U.Porto Inovação*, uma estrutura que tem por objetivo promover a vários níveis a cultura do empreendedorismo, apoiar os investigadores, nomeadamente no registo de patentes, e fomentar a ligação ao meio empresarial. Do outro lado, temos o também já citado UPTec, o maior parque de ciência e tecnologia de base universitária do País, que tem vindo a ser galardoado com sucessivos prémios internacionais, nos quais se inclui o prestigiado Prémio RegioStars da Comissão Europeia,

Em resumo, e para concluir esta entrevista, quero acentuar que a Universidade do Porto é um fator crucial do desenvolvimento regional e nacional, atuando a todos os níveis – na educação, na investigação, na valorização económica do conhecimento, na cultura e no desporto. Somos também um ator incontornável de afirmação de Portugal no Mundo, nomeadamente no espaço europeu e lusófono. É desta forma que cumprimos a nossa missão pública ao serviço do desenvolvimento social e económico do nosso País, contribuindo para que as novas gerações sejam mais cultas e educadas, tenham mais e melhores oportunidades de emprego e, acima de tudo, cresçam enquanto profissionais e cidadãos.